



ARTIGO

A História como personagem

ADONAY RAMOS MOREIRA
Escritor e Advogado

Quando, ao escrever um perfil biográfico de Nietzsche, Stefan Zweig traça um paralelo entre a imagem idealizada do pensador de Röcken e sua figura real, tão mais tímida, não está apenas apontando as diferenças entre a imagem pública de um homem e o que esse mesmo indivíduo é, em sua extraordinária vida banal. Ele está antes de tudo apontando os perigos da idealização histórica, cuja tendência natural é distorcer a realidade. Rilke já havia alertado, em seu célebre estudo sobre Rodin, que a fama nada mais é do que o conjunto de mal-entendidos acerca de um homem. A afirmação é ousada, mas, até onde se pode avaliar, dolorosamente verdadeira, e se ajusta perfeitamente à própria vida do autor das Elegias de Duino, cuja existência também não escapou das idealizações dos seus admiradores.

É uma tentação constante, diria mesmo quase irresistível, olhar para os grandes personagens da história não como eles são, mortalmente ordinários, até mesmo vexatoriamente comuns, a ponto de enrubescer quem os olha de perto, mas como seres dotados de uma áurea sobrenatural. Deve haver certo prazer quase satânico nesse tipo de deturpação, que quase sempre, ao que parece, é involuntário. Talvez porque seja dolorosamente real assumir que os personagens históricos são exatamente isto: seres de carne como qualquer outro, às vezes perdidos nos labirintos de seus atos e confusos na vastidão das loucuras de seu século. Chesterton comentou certa feita acerca dos poetas vitorianos que um grande homem, em qualquer época, deve ser um homem comum e também um homem incomum.

E a história nos mostra que a verdade, até onde se pode alcançar, está do lado do mestre inglês. Um espírito demasiadamente idealista de fato não suporta saber que o homem que escreveu os monólogos de Hamlet seja o mesmo que, com a desfaçatez de todos os homens de negócio, aplicava-se com afino e entusiasmo à arte de ganhar dinheiro. Ou admitir que um vate como Victor Hugo mantinha cadernetinhas nas quais anotava em espanhol os gastos com suas extravagâncias sexuais, extravagâncias essas que certamente fariam corar Sua Reverendíssima, o arqui-diácono Claude Frollo.

Dá a necessidade de, como uma espécie de Procusto intelectual, tornar figuras históricas em seres quase divinos.

A prática em si não é recente. Jacob Burckhardt conta como, na Itália renascentista, dava-se antes preferência aos poetas do que a Cristo, relatando como, certa feita, determinado sujeito retirou as velas do altar em que se encontrava um crucifixo e as colocou no túmulo de Dante, dizendo: "Aceitas; és mais digno delas do que aquele — o crucificado".

Em terras nacionais, essa prática não é diferente. É célebre o estudo sobre o Bruxo do Cosme Velho no qual Lúcia Miguel Pereira traça, à Stefan Zweig, um paralelo entre a imagem idealizada do quase deus Machado de Assis, o consagrado presidente da Academia Brasileira de Letras, e o homem Machado de Assis, o Machadinho. Ao que parece, o fetiche da idealização é uma epidemia que assola tanto o velho como o novo mundo. Mas há exceções honrosas. Mary Del Priore é um desses casos.

Em seu mais recente livro, *Meu Nome é Francisca*, uma história de Chica da Silva, a grande historiadora brasileira traça um retrato ao mesmo tempo lúcido, erudito e sensível de uma das mulheres mais fascinantes do Brasil Colônia. Valendo-se de um artifício literário, que consiste em narrar a história em primeira pessoa, através de uma voz narrativa que nos parece contar menos do que aquilo que sabe, sendo uma máscara em um rosto já mascarado, Mary nos apresenta uma Chica da Silva humanizada, que se desce ante nossos olhos com a sinceridade de uma velha amiga, sem que com isso incorra em nenhum tipo de idealização.

A técnica é arriscada, deve-se confessar. O artifício de se mostrar por trás de um narrador assim tão complexo constitui um exercício delicado. Cervantes, que consolidou o romance como gênero literário no Ocidente, já flertava com esse verdadeiro jogo de espelhos, que depois autores como Gustave Flaubert levaram à perfeição, tanto que, em seu estudo sobre Madame Bovary, Mario Vargas Llosa chega a apontar o mestre francês como o grande desbravador desse campo entre os romancistas modernos, pela sutileza com que trata a figura do narrador em seus livros.

A afirmação é temerosa. Em todo caso, o fato é que, ao escolher um narrador, um autor está optando antes de tudo por uma certa forma de apresentar o enredo, de tecer seu discurso e aquilo que será narrado, já que o narrador, como muito bem salienta Llosa em seu estudo sobre Flaubert, é o mais importante dos personagens de um livro. E o sucesso de uma obra decorre muitas vezes dessa decisão. Um passo em falso, e eis a ruína. Ou simplesmente se pode alterar aquilo que se pretendia narrar. Um narrador em terceira pessoa certamente tiraria todo e qualquer mistério de Dom Casimiro, ainda que escrito pelas mãos habilidosas do mestre do Cosme Velho.

Se esse procedimento exige cuidado no campo da literatura, no qual todos os destinos são possíveis, maior atenção requer quando o personagem é um ser real, feito de carne e de osso, cuja vida não pode ser outra senão a sua vida banal, da qual o narrador não pode se afastar um milímetro, sob pena de tornar a história em pura ficção. Porém Mary manipula esse artifício com maestria, sem, contudo, deixar

de dar ao relato a beleza poética que esse tipo de texto exige. E disso ela já nos dá mostra no início de seu livro.

Ao dizer, no início de seu relato, "Meu nome é Francisca", a personagem nos lembra aquela mesma convicção narrativa com que Melville nos apresenta seu personagem: "Chamame Ismael", com a diferença de que, no caso de Mary, sua personagem de fato fez parte desse mundo, vindo a ele, como ela mesma confessa, em "um dia qualquer entre 1731 e 1735, no arraial do Milho Verde".

Sua história é cativante. De escrava filha da também escrava Maria da Costa e do branco Antônio Caetano de Sá, a mulher que comandou uma rica empresa de mineração, Francisca da Silva de Oliveira é uma prova de que a arte realmente imita a vida, pois é nesta que encontramos os personagens mais grandiosos e inesperados. Talvez esse tipo de constatação explique aquilo que, em sua famosa *Advertência Sobre os Escrúpulos da Fantasia*, Pirandello afirmou, ao apontar como a realidade pode ser por vezes tão fantástica a ponto de ser inverossímil.

E de fato soaria inverossímil em pleno século XVIII brasileiro uma negra alforriada viver um amor com um homem como o contratador de diamantes e piedoso João Fernandes de Oliveira, amor esse cuja existência deixou marcas profundas na história do Arraial do Tijucu, atual Diamantina, e, por consequência, na história brasileira.

Porém uma das funções da história consiste precisamente em nos mostrar a realidade não como gostaríamos que ela fosse, mas como ela de fato foi. E Mary, em seu belo livro, cumpre essa tarefa com beleza, sensibilidade e precisão, a ponto de jamais duvidarmos que aquela mulher que se desnuda ante nossos olhos, ainda que recriada literariamente, seja exatamente uma pessoa como nós, separada de nossa experiência pelo tempo, mas resgatada pelas mãos habilidosas de todos aqueles que, como Mary Del Priore, fazem da história mais do que um ofício, mas um verdadeiro sacerdócio.

Delicado, erudito e cativante, *Meu Nome é Francisca* é uma dessas obras sobre as quais se pode dizer que são fundamentais, tanto pela beleza e originalidade com que é narrada, quando pela vasta pesquisa que serve de alicerce para cada uma das confissões que Francisca da Silva de Oliveira, a Chica da Silva, faz-nos.

E, assim como ela se diz grata aos historiadores "que há décadas ouvem as vozes que escapam dos documentos, reviram papéis antigos, relem documentos", somos igualmente gratos a Mary Del Priore por nos apresentar uma Chica da Silva mais humanizada, mais próxima de nós, a ponto de nos deixar tentados a imaginar que a vida real, tal como queria Calderón de la Barca, também é sonho.

ARTIGO

Oportunidade oculta nos números do Censo Escolar

CLÁUDIA ROMANO

Presidente do Semerj - Vice-presidente do Grupo Yduqs

O Brasil acaba de perder 1 milhão de alunos na educação básica em um único ano. Diante de uma mancha assim, a reação instintiva é o alarme. Mas o que os números do Censo Escolar 2025 realmente trazem é uma oportunidade oculta. E o que decidimos fazer com ela pode mudar o futuro educacional do país. Dados preliminares divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostram que as matrículas na educação básica caíram de 47,1 milhões para 46 milhões, uma redução de 2,3%. No ensino médio, o recuo foi de 5,4%, com 419 mil jovens a menos — o menor patamar em todo o século XXI. A demografia explica parte do fenômeno: a taxa de fecundidade recuou para 1,55 filho por mulher, bem abaixo da reposição. A população de 0 a 3 anos encolheu 8,4% entre 2022 e 2025. Nasceram menos crianças, e as ondas demográficas que antes enchiam as escolas agora recuam. Mas atribuir tudo à demografia é confortável demais.

O ensino médio, que atingiu pico histórico em 2004, com 9,16 milhões de estudantes, acumula perda de quase 2 milhões de matrículas em duas décadas. Trata-se de uma tendência estrutural, observada também em países como Coreia do Sul e Japão, além de grande parte da Europa. A diferença é que essas nações transformaram o declínio demográfico em estratégia: investiram mais por aluno, reorganizaram redes e modernizaram currículos. São Paulo, estado mais populoso e mais rico, respondeu sozinho por 60% de toda a queda no ensino médio; foram 259 mil matrículas a menos. A rede pública perdeu 425 mil matrículas enquanto a privada cresceu. Quando o motor econômico do país lidera uma estatística assim, o sinal é inequívoco: há abandono, desinteresse e desconexão entre o que a escola oferece e o que o jovem precisa. Segundo o Inep, apenas Amapá, Distrito Federal e Pernambuco registraram crescimento no ensino médio.

Há, porém, boas notícias. A distorção idade-série no 3º ano do ensino médio caiu 61% em quatro anos. As matrículas em tempo integral quase dobraram desde 2020, alcançando 8,8 milhões. O ensino fundamental segue praticamente universal. O acesso à creche se aproxima da meta do PNE. São conquistas reais. Aqui está o paradoxo que deveria orientar o debate: menos alunos pode ser, pela primeira vez, uma boa notícia. Por décadas, enfrentamos o desafio de absorver uma população jovem em rápida expansão. Agora, a transição demográfica nos oferece uma janela para mudar de paradigma — redirecionar recursos para qualidade: turmas menores, formação docente, tecnologia, acompanhamento individualizado. Finlândia e Coreia do Sul fizeram exatamente isso durante suas transições demográficas e colhem excelência há décadas. A diferença entre um país que envelhece com sabedoria educacional e um que envelhece com defasagem é a decisão política que se toma agora.

Se há uma etapa que sintetiza o desafio, essa etapa é o ensino médio. A perda de 419 mil matrículas não decorre apenas da demografia. Há abandono, desinteresse e desconexão entre escola e projeto de vida. Reconhecer isso é apenas o primeiro passo. Todos os dias, nos nossos campi, acompanhamos mais de 800 mil estudantes de graduação e vemos o impacto do que acontece no ensino médio. Com o Propag, o Programa Juros pela Educação, e o Pê-de-Meia, governos e iniciativa privada têm instrumentos concretos para impulsionar o ensino médio técnico com ganhos fiscais e investimento inicial zero para os estados. Estamos trabalhando nessa frente porque acreditamos que podemos mudar o cenário para esses jovens.

O Censo 2025 é um chamado. E a janela demográfica, finita. Se não a aproveitarmos para investir mais por aluno, valorizar professores e repensar o ensino médio, teremos desperdiçado uma oportunidade que não se repete. Menos alunos pode ser o início de uma revolução silenciosa. A diferença está nas escolhas que fizermos agora. A era da expansão quantitativa ficou para trás. O desafio que se impõe é construir uma educação que valha a pena para todos dentro e fora da sala de aula.

O IMPARCIAL

EMPRESA PACOTILHA SA

Rua Assis Chateaubriand, 01 - Renascença II
São Luís - Maranhão - CEP 65075-670Pedro Freire
Diretor-Presidente
pedrof@oimparcial.com.brRaimundo Borges
Diretor de Redação
borges@oimparcial.com.brPatrícia Freire
Gerente Financeira
patriciafreire@oimparcial.com.brCelio Sergio
Superintendente de Produção
celiosergio@oimparcial.com.br

FALE CONOSCO - GRUPO O IMPARCIAL

REDAÇÃO
(98) 99144-5641COMERCIAL
(98) 99116-1624ASSINATURAS
(98) 99144-5645REDES SOCIAIS
Whatsapp: (98) 99144-5641
Twitter: @oimparcialonline
Instagram: @oimparcial
www.oimparcial.com.brASSINATURAS
(98) 99144-5646